



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA EDUARDA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LUDICIDADE DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
EM BELO JARDIM-PE: usos e sentidos**

**Caruaru
2025**

MARIA EDUARDA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LUDICIDADE DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
EM BELO JARDIM-PE: usos e sentidos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Agreste da
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
na modalidade de monografia, como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciado
em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Infantil

Orientadora: Prof^a. Me. Jessica Priscila Garcia de Souza

Caruaru

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Maria Eduarda da.

Concepções de ludicidade de professoras da Educação Infantil em Belo Jardim-
PE: usos e sentidos / Maria Eduarda da Silva. - Caruaru, 2025.
48 p., tab.

Orientador(a): Jessica Priscila Garcia de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2025.
Inclui referências, apêndices.

1. Ludicidade. 2. Educação Infantil. 3. Desenvolvimento Infantil. I. Souza,
Jessica Priscila Garcia de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

MARIA EDUARDA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LUDICIDADE DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
EM BELO JARDIM-PE: usos e sentidos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Agreste da
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
na modalidade de monografia, como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciado
em Pedagogia.

Aprovada em: 11/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Me. Jessica Priscila Garcia de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Filipe Antônio Ferreira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Doutoranda Fabia Roseana Souza Oliveira da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a mim mesma;

À minha versão criança, que ainda não sabia o que queria ser, mas que sonhava com o mundo com os olhos cheios de imaginação e se imaginava em tantas possibilidades.

À minha eu adolescente, cheia de inseguranças, medos e dúvidas, mas que mesmo assim seguiu tentando.

E, com todo carinho, à mulher que sou hoje, que apesar dos desafios e momentos em que quis desistir, escolhi a pedagogia com o coração, e hoje sinto amor, orgulho e sentido nessa escolha.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos, com imensa gratidão a Deus e à minha tão amada família. Mãe, pai, Ana, João e Moisés, vocês são minha base, meu porto seguro e minha maior inspiração. Sem o amor e o incentivo de vocês, nada disso teria sentido.

Agradeço à minha orientadora, Priscila Garcia, por todo apoio, paciência e compreensão durante o processo de construção deste trabalho. Sei que nem sempre consegui cumprir os prazos, mas, mesmo assim, você se manteve firme, presente e acolhedora, e isso fez toda a diferença para mim.

À minha amiga e parceira, Isadora Melo, que conheci logo no primeiro dia de aula e que esteve comigo até o último: obrigada por cada conversa, incentivo e momento compartilhado ao longo do curso. Sua amizade foi essencial para que eu continuasse, mesmo nos dias mais difíceis.

E por fim, agradeço a todos os professores e colegas que cruzaram meu caminho ao longo do curso. Cada um, à sua maneira, deixou uma marca nessa trajetória. Levo todos vocês no coração.

RESUMO

A ludicidade é considerada um elemento essencial para o desenvolvimento pleno de crianças pequenas. Sendo reconhecida como um direito assegurado por lei e defendida por estudiosos e profissionais de diferentes áreas, inclusive da educação, a ludicidade tem o potencial de contribuir para uma aprendizagem significativa, prazerosa e dinâmica. Percebendo a importância de práticas lúdicas no ambiente escolar, esta pesquisa investigou quais são as concepções de ludicidade de duas professoras da Educação Infantil do município de Belo Jardim - PE, tendo o objetivo final de entender como elas significam, aplicam e encaram os desafios relacionados ao uso do lúdico como uma ferramenta pedagógica nesse espaço. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras, a análise foi organizada em três eixos: percepções sobre o brincar, práticas pedagógicas lúdicas e desafios estruturais. Os resultados revelaram que ambas as docentes compreendem o brincar como uma estratégia educativa central e desenvolvem ações com intencionalidade pedagógica clara, ainda que enfrentem limitações como a falta de recursos, sobrecarga de trabalho e espaços físicos inadequados. As falas mostram o compromisso das educadoras em buscar alternativas para manter o lúdico vivo na rotina escolar, reforçando sua importância como direito da criança e como ferramenta de ensino e avaliação. Sendo assim, essa investigação contribui para refletir sobre a valorização da ludicidade na formação docente e nas políticas públicas voltadas à infância.

Palavras-chave: Ludicidade; Educação infantil; Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Playfulness is considered an essential element for the full development of young children. Recognized as a right guaranteed by law and defended by scholars and professionals from different fields, including education, playfulness has the potential to contribute to meaningful, enjoyable, and dynamic learning. Acknowledging the importance of playful practices in the school environment, this research investigated the conceptions of playfulness held by two Early Childhood Education teachers in the municipality of Belo Jardim - PE, with the ultimate goal of understanding how they interpret, apply, and face the challenges related to the use of play as a pedagogical tool in this context. Based on semi-structured interviews conducted with the teachers, the analysis was organized into three axes: perceptions about play, playful pedagogical practices, and structural challenges. The results revealed that both teachers understand play as a central educational strategy and develop actions with clear pedagogical intentionality, even though they face limitations such as lack of resources, work overload, and inadequate physical spaces. Their statements highlight the commitment of educators to seek alternatives to keep play alive in the school routine, reinforcing its importance as a child's right and as a teaching and assessment tool. Thus, this investigation contributes to reflections on the appreciation of playfulness in teacher education and in public policies aimed at childhood.

Keywords: Playfulness; Early Childhood Education; Child development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	QUESTÃO CENTRAL E OBJETIVOS.....	11
2	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS.....	13
2.1	A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.2	PRÁTICAS E DESAFIOS.....	15
3	METODOLOGIA.....	18
4	A LUDICIDADE NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO JARDIM - PE.....	20
4.1	EIXO 1 – Percepções Sobre o Brincar.....	23
4.2	EIXO 2 - O lúdico como ferramenta diagnóstica e estratégia de ensino.....	25
4.3	EIXO 3 - Desafios estruturais.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31
	APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	33
	APÊNDICE B - ENTREVISTA INDIVIDUAL SEMI-ESTRUTURADA PROF^a MARIA.....	34
	APÊNDICE C - ENTREVISTA INDIVIDUAL SEMI-ESTRUTURADA PROF^a ANA.....	42

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar sobre a ludicidade no contexto escolar, constata-se que o ensino lúdico é uma estratégia pedagógica valiosa, com grande potencial para favorecer o aprendizado dos alunos de forma mais eficiente e prazerosa, além de contribuir para o desenvolvimento de competências essenciais e melhorar o rendimento escolar. Diante disso, busca-se investigar como que professores da educação infantil em Belo Jardim - PE se relacionam com o uso da ludicidade no ambiente escolar.

Esse tema é relevante para compreender como as práticas pedagógicas lúdicas são concebidas e utilizadas por docentes que atuam na educação infantil. A ludicidade é um aspecto fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, pois envolve as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. Além disso, ela também contribui para a construção de uma relação positiva entre as crianças e o conhecimento, estimulando a curiosidade, a criatividade e a autonomia.

Portanto, é importante investigar como os/as professores/as da educação infantil concebem a ludicidade, quais são os seus usos e sentidos nas atividades pedagógicas, e quais são os desafios e as possibilidades para a promoção de uma educação lúdica e significativa para as crianças. Kishimoto, Vygotsky, Piaget e outros autores já apontaram que a ludicidade é fundamental para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil, o que destaca seu papel essencial nas práticas pedagógicas dessa etapa.

Obras como as de Kishimoto (2017) destacam a importância de atividades lúdicas para a formação e aprendizagem da criança, como quando é citado que “as crianças são capazes de lidar com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda. Lutam com conceitos de bom e mau.” (Kishimoto, 2017, cap. III)

Enquanto Bacelar (2009) evidencia desafios enfrentados pelas/os professoras/es da educação infantil, que vão desde a precariedade nas condições de trabalho e salariais até as lacunas em sua formação inicial. Ela também destaca que, muitas vezes, esses profissionais precisam encontrar soluções emergenciais sem o suporte necessário, arcando com responsabilidades que deveriam ser compartilhadas com a gestão, a família e o poder público

Para realização deste trabalho acadêmico, foi feita uma busca por estudos relacionados à ludicidade e às concepções de professores da Educação Infantil sobre o tema no período de

2022 a 2024. A escolha deste espaço de tempo tem o objetivo de acompanhar como andam os trabalhos relacionados a essa temática atualmente. A pesquisa foi conduzida em algumas revistas da área da Educação, apresentadas a seguir.:

- Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP): Criada em 1944 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é a mais antiga revista pedagógica em circulação no Brasil. Desde 2023, adota o modelo de publicação contínua e exclusivamente eletrônica e compõe-se das seguintes seções: Estudos, Relatos de Experiência e Resenhas.
- Revista Educação e Pesquisa: Publicada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), tem mais de 50 anos de existência e publica artigos inéditos na área de educação, em especial resultados de pesquisa de caráter teórico ou empírico, bem como revisões da literatura de pesquisa educacional.
- Revista Pedagogia UFMT: É um periódico de fluxo contínuo fundado em 2014 e organizado pelo Grupo PET Educação da Universidade Federal de Mato Grosso que prioriza a divulgação de trabalhos no formato de artigos, resenhas e relatos de experiência de estudantes e professores, especialmente do Curso de Pedagogia.
- Revista Eventos Pedagógicos: Publicada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), é um periódico que tem o objetivo de divulgar pesquisas e relatos de experiências na área da Educação.
- Revista Tempos e Espaços em Educação: Foi criada em 1998 e é editada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). O periódico passou por algumas reformulações até adotar o nome atual em 2007. Sua missão é contribuir para a disseminação do conhecimento da área de Educação.
- Anais do UNIC: O periódico reúne produções acadêmicas apresentadas no Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Cuiabá (UNIC). Publicados anualmente, esses anais refletem o interesse da instituição em divulgar pesquisas desenvolvidas por estudantes de graduação e pós-graduação, nas mais diversas áreas do conhecimento, incluindo a Educação.

No entanto, apesar da diversidade de fontes consultadas, ainda foi identificada uma lacuna em estudos que explorem as concepções de professoras(es) da Educação Infantil sobre ludicidade em contextos mais específicos.

Nas revistas citadas foi possível encontrar, entre os anos escolhidos (2022 a 2024), 17 trabalhos com temas que se relacionam com a ludicidade ou práticas lúdicas na educação infantil. No entanto, desses 17 trabalhos, apenas dois deles trazem um olhar mais direto para as concepções de professoras/es sobre o tema.

Um desses estudos, desenvolvido por Almeida, Lima e Indalécio (2023), mostra a vivência de docentes da educação infantil da rede municipal de Votuporanga-SP, evidenciando tanto a valorização do lúdico no processo de ensinar quanto os obstáculos enfrentados no dia a dia escolar, como a falta de tempo, recursos, formação continuada e indisciplina dos alunos.

O outro trabalho, realizado por Guimarães e Ferreira (2022), com educadoras da cidade de Amargosa-BA, investiga como essas professoras compreendem a ludicidade e como essa compreensão influencia em sua prática. Nesta pesquisa, ao trazer as narrativas docentes, os autores apontam como, por muitas vezes, os profissionais veem o lúdico de uma forma utilitarista, enxergando a ludicidade apenas para a transmissão de conteúdos escolares.

O fato de haver poucos estudos que abordem especificamente as concepções docentes sobre ludicidade e seus usos e sentidos na educação infantil, nos revela o quanto ainda há para se investigar sobre o assunto, principalmente em cenários locais como o de Belo Jardim-PE. É justamente nesse espaço pouco explorado que esta pesquisa procura se inserir, trazendo contribuições para a valorização dos sentidos que essas/es professoras/res atribuem a ludicidade em meio às realidades e desafios de suas experiências no dia a dia escolar.

1.1 QUESTÃO CENTRAL E OBJETIVOS

- QUESTÃO PROBLEMA

Como professoras da Educação Infantil de Belo Jardim-PE concebem a ludicidade, e de que forma essas concepções se refletem em seus usos, sentidos, desafios e possibilidades na construção de uma educação lúdica e significativa para as crianças?

- OBJETIVO GERAL

Compreender as concepções de ludicidade de professoras da Educação Infantil em Belo Jardim- PE e quais são os desafios e as possibilidades para a promoção de uma educação lúdica e significativa para as crianças.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar os sentidos e as interpretações que docentes da Educação Infantil atribuem à ludicidade em suas ações educativas no contexto de Belo Jardim – PE;
2. Compreender o papel da ludicidade na prática pedagógica de professoras e professores da Educação Infantil, analisando como ela se manifesta e é valorizada no cotidiano escolar;
3. Analisar os principais desafios enfrentados por docentes da Educação Infantil na incorporação da ludicidade em suas práticas e discutir as possibilidades de superação a partir de suas próprias experiências e contextos.

Partindo do entendimento de que a ludicidade é uma parte importantíssima do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, esta pesquisa considera a hipótese de que as concepções que professoras e professores de Belo Jardim–PE têm sobre o lúdico são diversas e influenciam diretamente o modo como as atividades lúdicas são desenvolvidas na rotina escolar.

A forma como esses profissionais entendem e valorizam o brincar pode interferir não apenas na presença (ou ausência) do lúdico nas práticas pedagógicas, mas também nos sentidos que essas vivências proporcionam às crianças. Além disso, espera-se encontrar desafios comuns enfrentados pelos docentes, como uma possível formação inicial deficiente ou a falta de recursos, e também estratégias construídas por eles para a promoção de uma educação mais lúdica e significativa.

2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS.

Ao longo da história, as concepções de ludicidade voltadas para a infância e educação infantil sofreram alterações significativas. Ariès, em sua obra “História Social da Criança e da Família” (1986) revela que no período medieval a infância era invisível e que as crianças eram vistas como “mini-adultos”, sem qualquer representação onde a sociedade distinguisse, de forma clara, o universo infantil do adulto. Assim, todos compartilhavam os mesmos espaços, atividades, e até as vestimentas. Nesse contexto, não havia margem para reconhecer ou valorizar o brincar como algo próprio da infância.

Diferentemente da realidade citada anteriormente, hoje o lúdico é visto e defendido como necessidade e direito. No Brasil, encontramos esse direito na Lei de Nº 14.826 quando diz, no Art. 3º, que “é dever do Estado, da família e da sociedade proteger, preservar e garantir o direito ao brincar a todas as crianças.” (BRASIL, 2024). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também discorre sobre o tema e garante como parte do direito à liberdade, o direito da criança e do adolescente a brincar, praticar esportes e se divertir.

Para que a sociedade mudasse sua percepção sobre o brincar e a infância e reconhecesse o lúdico como fundamental para o desenvolvimento foi necessário um avanço nos estudos e na reflexão entre teoria e prática. Pesquisadores como Lev Vygotsky, Jean Piaget, Friedrich Fröbel, Maria Montessori, Tizuko Morchida Kishimoto e outros trouxeram contribuições essenciais ao longo dos anos para essa evolução. Com apoio de trabalhos como os desses pesquisadores, o lúdico pôde evoluir e se consolidar como direito e princípio pedagógico.

2.1 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O lúdico vem da palavra latim *ludus*, que significa jogo. Apesar do significado literal em sua tradução, a ludicidade não compreende apenas os jogos, ela engloba também as brincadeiras, a imaginação, o prazer na realização de atividades divertidas, chegando ainda a ir além disso. Quando Piaget (1998) destaca que o jogo não deve ser visto apenas como uma forma de entretenimento ou gasto de energia, ele nos revela a complexidade multifacetada do lúdico, apontando seu papel essencial no desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral da criança.

A ludicidade é essencial para o desenvolvimento da criança em vários âmbitos. No brincar ela vai além do exercício do corpo e da mente. Brincar constrói valores e forma o indivíduo, especialmente quando este se imagina e se coloca em diferentes papéis sociais. Nessas situações são desenvolvidas inúmeras habilidades, como a comunicação, a empatia, a resolução de conflitos, entre outras.

No jogo simbólico, a criança “representa o pólo da assimilação, no pensamento, e assimila assim, livremente, o real ao eu” (PIAGET, 1964, p. 215). Por exemplo, quando ela brinca de ser mãe/pai, professora, médico, veterinário, vendedor, etc., a criança reinterpreta o mundo à sua maneira. Ela experiencia falas, gestos, atitudes e expressões que observa em adultos e em outros modelos de referência ao seu redor. Ou seja, brincando de assimilar o que ela vive, conhece e observa do mundo, esse universo se transforma em novas experiências e aprendizado.

Assim como Piaget, Vygotsky também trouxe contribuições enormes para o universo da ludicidade ao apresentar a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para o teórico, a aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas por meio da mediação social, e a ludicidade pode ser uma ferramenta importante nesse processo. Vygotsky traz a definição da ZDP em sua obra *A Formação Social da Mente* (1991) e diz que

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1991, I. 58).

Na sala de aula, vemos a manifestação da ZDP nas mais diversas situações, como por exemplo quando as crianças brincam de mercadinho, aquelas que já dominam números ajudam as outras, estendendo suas capacidades numéricas em um contexto que faz sentido para elas e as estimulam. Nesse contexto, o brinquedo consegue conquistar um valor formativo ainda mais significativo. Como o autor destaca,

[...] o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991, I. 69).

Vygotsky nos mostra a ideia de que o ato de brincar não só reflete o que a criança já sabe, mas que também precipita o que ela está prestes a aprender, trazendo o desenvolvimento de novas aptidões.

Cipriano Luckesi (2014) também amplia a compreensão do lúdico quando traz sua perspectiva. Ele nos leva a pensar a ludicidade como uma experiência pessoal que vai além de simplesmente realizar jogos e atividades organizadas. Para Luckesi (2014, p. 13), “ludicidade é compreendida como experiência interna de inteireza e plenitude por parte do sujeito”. Isso quer dizer que o que torna um ato verdadeiramente lúdico não será a atividade por si só, mas a forma como essa atividade será experienciada pela criança (com prazer, envolvimento, etc.).

Reunindo as contribuições de Piaget, Vygotsky e Luckesi, compreende-se que o lúdico e o brincar são riquíssimos e favorecem o desenvolvimento integral da criança por meio da imaginação, da relação com o outro e da expressão de si mesma. Portanto, valorizar a ludicidade é reconhecer a infância em seu potencial criativo, assegurando o direito de aprender com prazer, liberdade e sentido.

2.2 PRÁTICAS E DESAFIOS

A ludicidade se faz fundamental para uma aprendizagem significativa na educação infantil, onde as crianças estão numa fase de descobertas que integram as diversas áreas de dimensões do seu desenvolvimento. Na escola, a ludicidade entra como uma estratégia pedagógica capaz de promover um ensino significativo e envolvente, quebrando o ciclo de uma educação restrita e tradicional, onde os alunos tendem a ser mais ouvintes que participantes ativos. Esse fator acaba limitando as oportunidades de engajamento e interação com os conteúdos educacionais.

Por outro lado, aulas que acolhem a ludicidade de forma significativa estimulam a participação ativa das crianças, tornando o processo de aprendizagem mais envolvente e dinâmico. Como apresentado anteriormente, pesquisas indicam que atividades lúdicas favorecem a colaboração e a interação entre os alunos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais (empatia, trabalho em equipe, resolução de problemas, etc.) e educacionais (como raciocínio lógico, a concentração, a criatividade, a construção do pensamento crítico).

A ludicidade e o ato de brincar são reconhecidos como elementos centrais no desenvolvimento integral da criança pequena, indo além da simples diversão. Segundo Kishimoto (2010)

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, [...] de partilhar, expressar sua

individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens. (Kishimoto, 2010, p.1)

Essa perspectiva evidencia como o brincar é um aliado crucial para um desenvolvimento infantil mais integralizado, englobando aspectos fundamentais do seu crescimento. Vygotsky (1991), também argumenta sobre o brinquedo e diz que ele desempenha um papel profundo no desenvolvimento infantil, pois “como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.” (Vygotsky, 1991, I. 69).

Em uma metodologia educativa lúdica, o ato de brincar vai aproximar mais a criança do objeto de aprendizagem, mas não apenas isso, também estabelecerá uma conexão maior entre aluno e professor, fazendo com que a criança se sinta mais acolhida e respeitada, o que trará contribuições significativas para o engajamento durante as atividades e outras dinâmicas no ambiente escolar.

O lúdico, em todos os ambientes de convivência da criança, é essencial para o seu pleno desenvolvimento, e a escola faz parte disso. Por meio de uma prática mais lúdica em sala de aula é possível relacionar conteúdos de diversas áreas do conhecimento, fazendo com que a ludicidade seja um grande aliado na formação dos estudantes. Assim, ela se reafirma como um método pedagógico eficaz, que é capaz de fazer com que o processo de aprendizagem seja mais significativo e envolvente, favorecendo o desenvolvimento integral da criança.

Apesar de tantas práticas e estudos que comprovam os benefícios da ludicidade, sua implementação enfrenta diversos desafios para acontecer de forma efetiva no cotidiano escolar. Isso acontece porque, na prática, muitos professores dão de cara com limitações consideravelmente desanimadoras.

Limitações essas que podem ser das mais diversas, como por exemplo, uma formação inicial e continuada deficitária, como revela Oliveira (2002) ao dizer que “historicamente, a formação do docente da área tem sido extremamente pobre ou inexistente, principalmente a dos que trabalham em creches, área de muita atuação leiga e predominantemente feminina” (Oliveira, 2002, s.p.) ou a falta de tempo, espaço e materiais adequados.

Além desses, muitos professores enfrentam a realidade de salas superlotadas, que reduzem a ação lúdica e prejudicam o ensino individualizado. Como nos lembra Silva (2020), quando diz que “As crianças desfrutam de espaços restritos [...] convivendo em situações precárias nas escolas. [...] Certos profissionais da área acabam perdendo o prazer de ensinar

em turmas grandes porque o número de pessoas prejudica a qualidade de seu ensino” (Silva, 2020, pág. 1667). Outro exemplo que também é muito pertinente é a sobrecarga de trabalho de alguns profissionais, que em muitos casos causa um estado de esgotamento emocional e físico tão severo que reduz a motivação docente, prejudicando o ensino lúdico.

Desafios como esses fazem com que a inclusão de uma prática lúdica concreta e efetiva seja debilitada e demonstram que muitas vezes há uma irregularidade entre o que é proposto por teorias e diretrizes da educação e o que, de fato, é realidade dentro de uma sala de aula, fazendo com que os professores tenham que estar sempre se reinventando e se adaptando de forma criativa, nos contextos mais adversos, para que a ludicidade continue podendo servir como uma ponte entre o ensino e uma aprendizagem significativa na educação infantil.

Diante do exposto, é urgente refletir sobre os desafios enfrentados por professoras e professores da educação infantil na efetivação da ludicidade, assim como sobre as condições de ensino oferecidas às crianças. Tornam-se necessárias políticas públicas que valorizem esses profissionais, formações continuadas que estejam a par da realidade das salas de aula e investimentos em infraestrutura escolar. Somente assim será possível caminhar para o entendimento e garantia do brincar como direito fundamental e o pleno reconhecimento da infância.

3 METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa, foram selecionadas 2 professoras da Educação Infantil. As professoras em questão são parte do corpo docente de uma escola municipal de ensino regular que atende a educação infantil e fundamental, localizada na cidade de Belo Jardim, interior de Pernambuco. A pesquisa foi conduzida utilizando uma abordagem qualitativa, visto que este método permite compreender em profundidade as percepções e práticas dos participantes envolvidos.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é direcionada para questões específicas e se dedica ao estudo de aspectos da realidade social que são intrinsecamente não quantificáveis. Ela se volta para a análise do conjunto de significados, desejos, crenças, preferências, valores e atitudes, representando assim uma dimensão mais íntima e complexa das interações, dos fenômenos e das propriedades que vão além da mera quantificação de variáveis.

Embora a amostra tenha se limitado a duas participantes, isso se deu pelo caráter exploratório da pesquisa e pelas limitações de tempo e acesso impostas ao longo da sua realização. A intenção foi priorizar a profundidade das entrevistas e os detalhes das narrativas individuais, buscando compreender de forma sensível as experiências vividas pelas docentes em seus contextos reais de trabalho. Essa escolha condiz com a proposta da abordagem qualitativa, que busca ir além da generalização estatística.

A entrevista individual semi-estruturada foi o método escolhido para a coleta de dados, devido à sua capacidade de adaptar-se durante a interação, o que proporciona a quem entrevista a liberdade de introduzir ou de alterar questões conforme as particularidades de cada entrevista, mantendo-se alinhado aos aspectos fundamentais da investigação. De acordo com Minayo

A entrevista semiestruturada é uma técnica que parte de algumas questões fundamentais, mas dá liberdade ao entrevistador para desenvolver novos questionamentos, a partir do discurso do entrevistado, permitindo uma maior compreensão de suas experiências e significados. (Minayo, 2014, p.62)

Conforme mostra o apêndice A (pág. 21), o roteiro da entrevista semi-estruturada na presente pesquisa aborda três eixos centrais: as concepções de ludicidade das professoras, suas práticas pedagógicas lúdicas em sala de aula e os desafios enfrentados por elas para implementá-las. Foi possível identificar concordâncias com estudos como os de Kishimoto e Vygotsky, mas também lacunas entre teoria e realidade, devido a desafios estruturais e/ou pedagógicos

Por fim, a técnica de Análise de Conteúdo é utilizada na presente pesquisa para estruturar e esclarecer os dados coletados através das entrevistas, assim, é possível identificar como as professoras veem e aplicam a ludicidade no cotidiano escolar. Segundo Bardin (2011, pág 24), "a análise de conteúdo é uma técnica de análise que tem como objetivo descrever o conteúdo de comunicações, permitindo a extração de inferências e a construção de conhecimento".

Dessa forma, a análise de dados não se limita à descrição das práticas lúdicas percebidas; ela também proporciona *insights* sobre como essas professoras realmente vivenciam o lúdico, desde suas concepções acerca da ludicidade até os obstáculos que precisam superar para a pôr em prática de forma significativa com as crianças.

4 A LUDICIDADE NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO JARDIM - PE

Antes de apresentar a análise dos dados obtidos nesta pesquisa, é importante destacar que, por uma questão ética e com o intuito de preservar a identidade das participantes, que consentiram plenamente em participar das entrevistas e em ter seus relatos aqui expostos, foram utilizados **nomes fictícios** para ajudar a identificar as duas professoras. Essa escolha visa garantir o sigilo e o respeito à privacidade das envolvidas. Dessa forma, as professoras serão nomeadas como Maria e Ana¹. Com essa questão esclarecida, partiremos para a análise.

O presente estudo foi realizado por meio das entrevistas com duas professoras da educação infantil, aqui identificadas como Profa. Maria e Profa. Ana. As entrevistas foram organizadas em três eixos temáticos que dialogam com os desafios da pesquisa. São estes: eixo 1 - Percepções sobre o brincar; eixo 2 - O lúdico como ferramenta diagnóstica e estratégia de ensino; e eixo 3 - Desafios estruturais. A partir desses 3 eixos, foi possível refletir sobre como o brincar é concebido, vivenciado e, muitas vezes, dificultado pelas condições de trabalho, pela formação profissional ou pelas realidades escolares locais.

Antes de partir para uma análise mais aprofundada das entrevistas, a seguir apresenta-se os principais achados da pesquisa em um quadro dividido por eixo temático com os resultados estruturados a partir da divisão que norteou o estudo:

Eixo	Teóricos	Tema	Professora Maria	Professora Ana
Eixo 1 – Percepções sobre o Brincar	Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e	Concepção de ludicidade	Ver o brincar como expressão natural da infância e a percebe como ferramenta diagnóstica.	Entende a ludicidade como atividade prazerosa que une diversão e aprendizagem.

¹ A escolha dos nomes fictícios Maria e Ana ocorreu por serem nomes simples e comuns, o que contribui para preservar a identidade das participantes.

	peçoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira. (Bacelar, 2009, pág. 26)			
	“O mediador deve respeitar o interesse do aluno e trabalhar a partir de sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas, formulando desafios à capacidade de adaptação infantil e acompanhando seu processo de construção do conhecimento.” (Kishimoto, 2010 cap. IV)	Importância do brincar	Brincar permite observar a bagagem de conhecimentos da criança e identificar suas necessidades educacionais.	Brincar desenvolve o cognitivo, reduz estresse e estimula a criatividade.
		Ludicidade no planejamento pedagógico	Afirma que a ludicidade está alinhada à BNCC e orienta seu planejamento.	Considera o brincar essencial no planejamento e rotina, especialmente em contextos educacionais mais difíceis.
Eixo 2 – O Lúdico como Ferramenta Diagnóstica e Estratégia de Ensino	[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os	Intencionalidade pedagógica	Todas as atividades são planejadas com base em objetivos específicos.	Toda atividade lúdica é planejada com intencionalidade e vinculada à BNCC.

	alunos (TARDIF, 2002, p. 39).			
		Exemplos de atividades	“Pescaria dos nomes”, contação de histórias, músicas e brincadeiras sensoriais.	Contação com luvas, massinha, amarelinha, leitura de imagens, jogo da argola.
		Brincar livre	Valoriza momentos espontâneos para o desenvolvimento da autonomia.	Reserva dois dias para brincar livre e procura respeitar o tempo e humor da criança.
Eixo 3 – Desafios e Possibilidades no Cotidiano Escolar	Frente às inúmeras dificuldades do nosso sistema educacional, de maneira geral, e especificamente na educação infantil, as responsabilidades recaem muito na pessoa do professor que, diante da realidade, tem que encontrar saídas de emergência para manter o sistema em funcionamento, na maioria das vezes, sem a menor condição (Bacelar, 2009, pág. 71).	Limitações enfrentadas	Falta de tempo, recursos, espaço inadequado, sobrecarga de trabalho, pouca participação das famílias.	Falta de recursos, tempo reduzido e desafios com alunos atípicos.
	“a atualização e a formação continuada trazem um suporte importante não só para o trabalho junto às crianças, como também para saber reivindicar junto às autoridades competentes os direitos que lhes cabe.” (Bacelar, 2009, pág. 74)	Espaço físico	Relata medo de acidentes devido à falta de adaptação no espaço da escola.	Não menciona esse aspecto como problema atual.
		Estratégias de superação	Criatividade, escuta ativa, envolvimento das famílias, confecção de materiais.	Produção própria de materiais com recicláveis, uso de recursos do espaço pedagógico pessoal

				e apoio institucional.
		Formação inicial e continuada	Critica a falta de preparo prático e excesso de teoria distante da realidade. Relata as dificuldades em participar das formações continuadas oferecidas por projetos que acompanham o trabalho docente.	Acredita que teve uma boa base na graduação e recebe apoio contínuo dos programas IQE e Criança Alfabetizada.

4.1 EIXO 1 – Percepções Sobre o Brincar

Partir da compreensão do que as/os professoras/res da Educação Infantil pensam a respeito da ludicidade é essencial para pensar as práticas e possibilidades de uma educação mais significativa e acolhedora para as crianças. Apoiando-se em suas concepções acerca do brincar, dos jogos e do lúdico, esses docentes têm uma influência direta na forma como organizam suas rotinas, planejam atividades e interações com os alunos. Como afirma Bacelar (2009, p. 16),

Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira. (Bacelar, 2009, pág. 26)

Essa perspectiva da autora reforça a importância do brincar como uma parte fundamental na construção humana, e isso se alinha diretamente com as ideias compartilhadas pelas professoras Maria e Ana.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber que as duas professoras têm uma compreensão sensível acerca da ludicidade, onde elas enxergam o brincar como ponto central para o desenvolvimento infantil. Quando questionada sobre qual conceito de ludicidade para ela, a professora Ana destaca que “[...] é um conceito que se refere à capacidade do brincar, de se divertir, a capacidade de formação que vem de forma prazerosa entre as junções de

atividade e do lúdico. Onde a criança também pode se divertir e aprender ao mesmo tempo.” (Professora Ana, 2025).

Ela conta que o lúdico está relacionado ao prazer e diversão, e em seguida, no decorrer do eixo 1, da ênfase na sua importância para promover motivação e também para a redução do estresse nas crianças. Ela vê a ludicidade como uma aliada, principalmente em contextos mais difíceis, como em salas de aula superlotadas e com crianças atípicas, onde, segundo a mesma, “[...] Ela (a ludicidade) torna o ambiente mais leve, mais acessível, e promove o desenvolvimento integral das crianças. Por isso, vejo o brincar como essencial dentro da Educação Infantil.” (Professora Ana, 2025)

Já Maria vai um pouco mais além quando fala a respeito da ludicidade. Para ela, a ludicidade está diretamente ligada ao brincar em sala de aula e esse brincar tem um papel essencial para diagnosticar o nível do desenvolvimento do aluno: “Para a criança, brincar é algo muito natural, e, por meio das respostas que ela dá aos professores, analisamos seu cotidiano e a bagagem que traz para o ambiente escolar” (Professora Maria, 2025).

Ao declarar isso, Maria mostra que compreende o brincar como um instrumento pedagógico valioso, que permite ao professor identificar o que a criança já sabe e o que ainda precisa aprender, como elas reagem aos estímulos lúdicos e educativos. Essa observação sensível de Maria nos aproxima de perspectivas como a defendida por Kishimoto (2017), quando afirma que “o mediador deve respeitar o interesse do aluno e trabalhar a partir de sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas, formulando desafios à capacidade de adaptação infantil e acompanhando seu processo de construção do conhecimento.” Essa visão reforça o papel ativo da criança no processo educativo e a importância da escuta sensível por parte do professor.

Durante o eixo 1, nas duas entrevistas, foi possível constatar que ambas as professoras vêem a ludicidade como um elemento central no planejamento pedagógico, onde os jogos, as brincadeiras e as atividades lúdicas não são compreendidas e diminuídas a um tempo de conteúdo sem importância, mas sim como uma ferramenta metodológica valiosa, que é capaz de contribuir significativamente para o alcance dos objetivos educacionais e no desenvolvimento de diversas habilidades emocionais e motoras da criança.

4.2 EIXO 2 - O lúdico como ferramenta diagnóstica e estratégia de ensino

Além da compreensão do que as/os docentes da Educação Infantil pensam acerca da ludicidade, é de suma importância investigar também como suas práticas pedagógicas lúdicas acontecem no cotidiano escolar, para que assim, seja possível avaliar até que ponto a ludicidade é aplicada de forma relevante na rotina dos alunos. Apenas o reconhecimento da importância do brincar não é o suficiente, por isso é necessário analisar como essas práticas se concretizam, para além das teorias, nos planejamentos, ações pedagógicas e estratégias tomadas pelas professoras e professores da educação infantil.

Nas entrevistas com as professoras Maria e Ana, é possível perceber que elas têm um comprometimento com a inclusão do lúdico nas práticas diárias. Ambas relatam utilizar diferentes estratégias e recursos para envolver as crianças de maneira ativa no processo de aprendizagem. As práticas relatadas vão além do brincar por brincar, pois, segundo elas, sempre há uma intencionalidade pedagógica presente, o que demonstra um entendimento notório do brincar como ferramenta educativa.

Essa perspectiva fica bem exemplificada quando a professora Maria descreve atividades lúdicas como a “Pescaria dos Nomes”, uma brincadeira pensada para incentivar o reconhecimento das letras e a escrita do próprio nome. Essa brincadeira permitiu que a professora Maria pudesse avaliar habilidades específicas das crianças, como por exemplo, o nível da coordenação motora, quais letras eles conseguiam identificar, a atenção, e até mesmo aspectos emocionais, por meio do capricho demonstrado ao serem estimuladas. Ela destaca:

Eles fizeram com aquele cuidado, que eu disse a eles: ‘Olha, vamos fazer bonito, porque a tia vai colocar esse peixinho na sala para que outras pessoas vejam’. Então, essa atividade lúdica me deu a resposta do cuidado, da concentração, do foco [...] (Professora Maria, 2025)

Esse exemplo deixa claro como as práticas pedagógicas lúdicas podem ser ferramentas de diagnóstico e avaliação, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais sensível e centrado na criança.

A professora Ana também relata sobre a variedade de atividades lúdicas que utiliza, como contação de histórias com luvas, música, massinha, amarelinha e leitura de imagens. Ela reforça a importância da ludicidade como recurso pedagógico ordenado, afirmando que suas atividades são planejadas com base nos objetivos do programa Criança Alfabetizada e do IQE, sendo vinculadas às habilidades previstas pela BNCC:

Todas as minhas aulas precisam considerar as habilidades previstas, mas sempre trago a ludicidade como parte central. Todos os dias tem alguma atividade lúdica, mesmo quando estou trabalhando os conteúdos obrigatórios. (Professora Ana, 2025)

Outro ponto importante destacado por ambas é o uso de materiais concretos, acessíveis e recicláveis. As professoras expõem que precisam utilizar da criatividade na confecção de seus próprios jogos e brinquedos, aproveitando o que está ao seu alcance. Ana, por exemplo, fala sobre equilibrar entre o uso de jogos prontos e aqueles que são produzidos por ela mesma com materiais recicláveis. Maria também comenta que vez ou outra solicita a participação das famílias no envio de materiais para essas atividades, como em casos de confecção de brinquedos a partir de tampinhas, rolos de papel e outros objetos simples do cotidiano.

É importante destacar que as duas docentes também não deixam o brincar livre de lado. Maria destaca que reserva momentos para que as crianças explorem e brinquem de forma espontânea, o que considera essencial para o desenvolvimento de habilidades como autonomia e pensamento crítico. Ana reforça esse ponto, e reconhece o desafio de equilibrar a liberdade do brincar com a intencionalidade pedagógica, mas pontuando que o respeito ao tempo e ao desejo da criança é central nesse processo. Sobre isso, Ana diz: “Se a criança quer participar, ótimo. Se não quer naquele momento, eu respeito o tempo dela. [...] O equilíbrio vem justamente daí: da escuta e da adaptação.” (Professora Ana, 2025).

Dessa forma, fica notório que as práticas pedagógicas lúdicas desenvolvidas pelas professoras vão além da reprodução de atividades prontas. Tanto Maria quanto Ana fundamentam-se na escuta ativa das crianças, na intencionalidade pedagógica, no planejamento atento e no compromisso com um ensino mais significativo, que respeita o tempo, a diversidade e a criatividade de cada criança.

Mais do que aplicar métodos e jogos lúdicos, as professoras precisam considerar seus saberes pedagógicos, sensibilidade e criatividade para unir teoria e prática no cotidiano escolar. Como diz Tardif,

[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, 2002, p. 39).

Assim, o saber docente é constituído de múltiplas dimensões. Em meio aos desafios do cotidiano escolar, essas professoras mostram que é possível promover uma prática lúdica

efetiva, mesmo com recursos limitados, desde que haja sensibilidade, escuta e comprometimento com o desenvolvimento integral de seus alunos.

4.3 EIXO 3 - Desafios estruturais

Considerando a ludicidade uma prática pedagógica efetiva no cotidiano escolar, é importante compreender também os desafios que ela traz consigo e como as professoras da Educação Infantil fazem para enfrentá-los e garantir um ensino lúdico e significativo. Nos eixos anteriores foi demonstrado que as professoras entrevistadas têm concepções bem definidas e intencionalidade no planejamento e execução da ludicidade, ainda assim, elas também apontam obstáculos reais que afetam diretamente suas possibilidades de atuação. Bacelar (2009) afirma que:

Frente às inúmeras dificuldades do nosso sistema educacional, de maneira geral, e especificamente na educação infantil, as responsabilidades recaem muito na pessoa do professor que, diante da realidade, tem que encontrar saídas de emergência para manter o sistema em funcionamento, na maioria das vezes, sem a menor condição (Bacelar, 2009, pág. 71).

Essa realidade fica visível nos relatos das participantes, que enfrentam diariamente no cotidiano escolar alguns desafios, que serão explorados mais a fundo a seguir.

A professora Ana enfatiza como a falta de recursos é um dos principais desafios em seu trabalho, classificando essa ausência como “gritante”. Ela relata que, muitas vezes, ideias para atividades são inviabilizadas por respostas como “não tem” ou “não dá para ser hoje”. Isso revela que há uma distância entre o planejamento pedagógico e as condições materiais disponíveis na escola. Além da carência de recursos, Ana também ressalta a limitação de tempo e as dificuldades em engajar alunos atípicos, o que demanda flexibilidade, criatividade e constante adaptação por parte da professora:

“Além disso, tem também o tempo limitado, e as dificuldades para engajar os alunos atípicos. Tudo isso influencia. A gente precisa ser muito flexível, porque, se o planejamento não for adaptável, não funciona. Como dizem por aí, nós temos que ter sempre uma carta na manga, porque na prática, nem sempre as coisas saem como está no papel.” (Professora Ana, 2025)

Maria também destaca a falta de recursos, mas para além disso, ela evidencia outros desafios significativos, como a sobrecarga de trabalho, a ausência da participação familiar e o grande número de crianças em sala. Para ela, o cansaço e a superlotação dificultam o atendimento individualizado, afetando diretamente a qualidade das experiências lúdicas oferecidas. Essa realidade é compartilhada por diversos professores da rede pública, que

precisam lidar com um número elevado de estudantes, diversidade de perfis e escassez de suporte técnico e pedagógico. A ausência de um espaço físico adequado também é destacado por Maria, que fala sobre a apreensão que sente com o risco de que algum dos seus alunos se machuque, o que faz com que, muitas vezes, ela acabe “limitando a atividade, mesmo sem querer.” (Professora Maria, 2025).

Mesmo com as limitações citadas, ambas as professoras mostram que tem comprometimento e dedicação para transformar esse cenário a partir de sua atuação. Ana, por exemplo, revela que ela mesma confecciona brinquedos com materiais recicláveis e que às vezes utiliza jogos e recursos variados de um espaço pedagógico próprio. Já Maria aponta o envolvimento das famílias no envio de materiais e reforça a importância da escuta e da criatividade para contornar os desafios cotidianos.

Outro ponto relevante trazido por Ana diz respeito à formação inicial e continuada. Mesmo reconhecendo que o curso de Pedagogia lhe ofereceu uma boa base, ela enfatiza o papel da formação continuada, e dá destaque aos programas que fazem parte de sua atuação: “Criança Alfabetizada” e “IQE”, que, segundo a mesma, são programas que trazem orientações práticas para aplicação de propostas lúdicas e enriquecem sua prática. Essa fala de Ana faz ligação com a afirmação de Bacelar (2009), que diz que “a atualização e a formação continuada trazem um suporte importante não só para o trabalho junto às crianças, como também para saber reivindicar junto às autoridades competentes os direitos que lhes cabe.” Bacelar (2009, pág. 74)

Portanto, a análise das falas mostra que as maiores barreiras para a ludicidade não estão na falta de reconhecimento sobre sua importância, mas nas condições reais do trabalho. A escassez de recursos, o tempo reduzido, o excesso de demandas e o número elevado de alunos por turma, tornam a implementação de uma prática lúdica contínua um verdadeiro desafio. No entanto, as estratégias apresentadas pelas professoras entrevistadas também evidenciam que, com criatividade, sensibilidade e formação adequada, é possível manter viva a ludicidade como um princípio ativo e transformador da educação infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral compreender as concepções de ludicidade de professoras da Educação Infantil em Belo Jardim – PE, bem como os desafios e possibilidades para a promoção de uma educação lúdica e significativa para as crianças. A partir de entrevistas realizadas com duas docentes da rede pública municipal, foi possível identificar que ambas reconhecem a importância da ludicidade como um elemento central em suas práticas pedagógicas na educação infantil, e associam o brincar ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

Entre os resultados analisados, destaca-se que as professoras compreendem o brincar como linguagem própria da infância e veem a ludicidade como uma aliada para diagnosticar as necessidades individuais dos alunos e no planejamento de suas aulas. Utilizando-a como um ponto de partida para realização de intervenções pedagógicas mais eficazes, elas reforçam que atividades lúdicas devem estar sempre conectadas aos objetivos de aprendizagem, respeitando o tempo e o contexto de cada criança.

Também ficou claro que mesmo diante de dificuldades, como a falta de materiais, espaços inadequados, superlotação de turmas e sobrecarga de trabalho, ambas as profissionais demonstram criatividade, sensibilidade e comprometimento em se adaptar e manter viva a presença do lúdico no cotidiano escolar.

Este trabalho revela a importância de escutar os saberes das práticas docentes e reconhecer o conhecimento construído por professoras atuantes, que diariamente precisam recriar suas estratégias de ensino diante das dificuldades. O estudo também expõe a necessidade de olhar para a ludicidade como uma ação que exige mais atenção, para que assim ela deixe de ser vista apenas com um ideal pedagógico e seja reconhecida como indispensável. Isso requer investimento, apoio e formações continuadas que estejam de acordo com os mais diversos contextos educacionais.

Entretanto, esta pesquisa tem uma limitação clara: o número reduzido de participantes. Com apenas duas professoras da rede pública municipal entrevistadas, os resultados não podem ser generalizados, mas ainda assim trazem *insights* relevantes sobre o cotidiano da Educação Infantil em contextos similares ao estudado.

Para pesquisas futuras, é necessário ampliar a amostra, incluindo talvez não apenas mais docentes, mas também gestores, famílias e as próprias crianças. Essa abordagem mais

abrangente permitiria entender melhor como a ludicidade é percebida, praticada e valorizada, não apenas por docentes, mas também por outros participantes do processo educativo.

Por fim, os resultados discutidos evidenciam a importância de políticas públicas e formação docente que priorizem o lúdico e valorizem o trabalho docente. Garantir condições materiais, estruturais e pedagógicas para o brincar é fundamental, não apenas por ser um direito previsto na BNCC e em legislações nacionais, mas por seu papel crucial no desenvolvimento infantil. Dessa forma, se faz possível transformar o brincar em uma ponte sólida entre a infância e a aprendizagem, assegurando um processo educativo mais humano, significativo e coerente com as necessidades da criança pequena.

REFERÊNCIAS

- BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**.
- BRASIL. Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024. **Institui a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças; altera a Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 mar. 2024.
- GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação** (14ª ed.). São Paulo: Cortez, 2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2007.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e formação do educador**. Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>. Acesso em: 31/07/2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2019.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.
- SILVA, Renata Marques de Almeida. **Superlotação em Sala de Aula**. Revista Mais Educação, São Caetano do Sul, v. 3, n. 8, out. 2020.

TARDIF, Maurice. **Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente**. In: _____. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 31-55.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf. Acesso em: 25/07/2025.

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- **EIXO 1 - Concepções de Ludicidade**

1. Como você entende o conceito de ludicidade?
2. Na sua opinião, qual a importância do brincar no processo de aprendizagem das crianças pequenas?
3. Você acredita que a ludicidade é um elemento central no planejamento pedagógico? Por quê?

- **EIXO 2 - Práticas Pedagógicas Lúdicas**

1. Quais tipos de atividades lúdicas você costuma incluir em sua rotina com as crianças? (Ex.: jogos, brincadeiras livres, cantinhos temáticos, etc.)
2. Como você planeja essas atividades? Elas são sempre vinculadas a objetivos de aprendizagem específicos?
3. Você utiliza jogos, brinquedos ou materiais alternativos? Como você seleciona esses recursos?
4. Você considera que as crianças aprendem melhor quando estão envolvidas em brincadeiras? Pode dar um exemplo de uma experiência vivida?
5. Como você equilibra a liberdade do brincar espontâneo com a intencionalidade pedagógica?

- **EIXO 3 - Desafios estruturais**

1. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta para promover a ludicidade em sala de aula? (Ex.: falta de recursos, pressão por conteúdos formais, espaço físico, etc.)
2. Você sente que teve formação suficiente para trabalhar com a ludicidade na sua formação inicial? E na formação continuada? Se sim, como foi esse preparo?
3. Como a escola onde você trabalha apoia (ou não) a implementação de práticas lúdicas?
4. Que estratégias você encontra no seu cotidiano para promover uma prática mais lúdica, mesmo diante das dificuldades?
5. O que você considera essencial para que a ludicidade seja, de fato, valorizada e vivenciada como parte do processo educativo na Educação Infantil?

APÊNDICE B - ENTREVISTA INDIVIDUAL SEMI-ESTRUTURADA PROF^a MARIA

• EIXO 1- Concepções de Ludicidade

1. Como você entende o conceito de ludicidade?

"Eu estava pesquisando sobre isso, porque cada pessoa tem seu jeito de definir. No meu caso, eu defino a ludicidade como relacionada à presença do brincar, especialmente no contexto da aprendizagem e desenvolvimento infantil. A ludicidade tem tudo a ver com brincar em sala de aula, e é através do brincar que conseguimos promover o desenvolvimento da criança e sua aprendizagem.

Para a criança, brincar é algo muito natural, e, por meio das respostas que ela dá aos professores, analisamos seu cotidiano e a bagagem que traz para o ambiente escolar. Assim, através da ludicidade, consigo obter essas respostas dos meus alunos, principalmente na educação infantil, onde as crianças são muito espontâneas e autênticas. Dessa forma, identifico o que preciso trabalhar com elas para garantir sua aprendizagem dentro do contexto escolar em que vivem."

2. Na sua opinião, qual a importância do brincar no processo de aprendizagem das crianças pequenas?

"Olha, é através do brincar que isso é construído. As crianças, ao brincar, desenvolvem conhecimentos e habilidades, expressando seus sentimentos e pensamentos. Como eu já havia dito antes, é por meio do brincar que elas me dão essas respostas.

E essas... como posso dizer? Elas me mostram, através dessas brincadeiras, as aprendizagens e as experiências que trazem consigo. Assim, consigo identificar o que precisam para que eu possa aprimorar ainda mais o desenvolvimento e a aprendizagem delas dentro do ambiente escolar."

3. Você acredita que a ludicidade é um elemento central no planejamento pedagógico? Por quê?

"Sim, porque a ludicidade tem uma intencionalidade pedagógica clara e está alinhada aos objetivos de aprendizagem da BNCC. Quando trabalhamos com a ludicidade, utilizo os campos [da BNCC] que me ajudam a identificar as necessidades reais dos

meus alunos em sala de aula. Por isso, ela é um campo central: me oferece um suporte para alcançá-los com mais eficácia."

- **EIXO 2- Práticas Pedagógicas Lúdicas**

4. Quais tipos de atividades lúdicas você costuma incluir em sua rotina com as crianças? (Ex.: jogos, brincadeiras livres, cantinhos temáticos, etc.)

"Utilizo jogos pedagógicos, como o "joguinho do alfabeto" com fichas de nomes e letras, contação de histórias, ex.: história da Fada Azul/Fada Rosa para ensinar o alfabeto, músicas, como a "música das vogais", brincadeiras sensoriais, tintas, texturas, desenhos livres e atividades de construção. Também incluo rotinas lúdicas como a "chamadinha musical" para reconhecer nomes dos colegas e a "pescaria dos nomes" para identificar letras."

5. Como você planeja essas atividades? Elas são sempre vinculadas a objetivos de aprendizagem específicos?

"Primeiro, faço uma análise diagnóstica, por exemplo: observei que as crianças chegaram no Pré II sem reconhecer letras após as férias. Planejo com base nas necessidades identificadas, sempre alinhando aos objetivos pedagógicos. Por exemplo: Quando o objetivo era ensinar vogais, usei música e fichas com nomes. Quando o objetivo foi desenvolver coordenação motora e foco, usei atividades com peixinhos de papel para escrever nomes e expô-los na sala. Todas as atividades têm intencionalidade, como a "contação da coxa de retalhos" que utilizei para trabalhar afetividade e memória familiar."

6. Você utiliza jogos, brinquedos ou materiais alternativos? Como você seleciona esses recursos?

"Eu uso materiais concretos e acessíveis no meu trabalho com as crianças. Primeiro, as fichas personalizadas, que têm o nome de cada criança de um lado e o alfabeto completo do outro - isso ajuda muito no reconhecimento das letras. Também trabalho bastante com cartazes coloridos, músicas educativas e histórias temáticas, como aquela do alfabeto que eu criei com a Fada Azul e a Fada Rosa.

Para desenvolver as habilidades motoras, sempre trago materiais sensoriais: tintas de várias cores, texturas diferentes que eles podem tocar e explorar. E não pode faltar

aqueles recursos do cotidiano, como os peixinhos de papel que a gente usou na atividade da "pescaria dos nomes", foi tão divertido e ao mesmo tempo tão importante para avaliar o aprendizado deles.

Eu seleciono cada recurso pensando no que as crianças precisam naquele momento. Se o objetivo é trabalhar o reconhecimento de letras, parto para os jogos com os nomes deles. Quando percebo que é hora de trabalhar as emoções, eu conto histórias mais afetivas, como foi o caso da "Coxa de Retalhos" que mexeu tanto com eles. Tudo tem um propósito, tudo é pensado para que o aprendizado aconteça de forma natural e significativa.”

7. Você considera que as crianças aprendem melhor quando estão envolvidas em brincadeiras? Pode dar um exemplo de uma experiência vivida?

“Sim, um exemplo é a pescaria dos nomes. A brincadeira me ajudou bastante a identificar quem realmente estava aprendendo seu nome com o auxílio da fichinha, onde a criança estava com dificuldade, onde a criança estava trocando as letrinhas, porque muitos espelham as letras.

Então, quando eu peguei um peixinho, coloquei um quadradinho, mandei eles fazerem o nome deles. Mesmo eles transcrevendo com a fichinha, eles fizeram, mas fizeram do jeitinho deles. Eles fizeram com aquele cuidado, que eu disse a eles: 'Olha, vamos fazer bonito, porque a tia vai colocar esse peixinho na sala para que outras pessoas vejam'.

Então, essa atividade lúdica que eu fiz com eles me deu a resposta do cuidado, da concentração, do foco, que eles ficaram de mostrar o seu melhor, porque eles sabiam que ia ser exposto, que outras pessoas iam ver. E ali eu pude identificar realmente se a minha fichinha de nomes está dando a resposta que eu quero.

Porque muitas vezes os professores fazem a atividade lúdica por fazer, e quando eu faço, eu sempre faço com a intencionalidade, para que eu veja se realmente eles estão evoluindo, se eu estou no caminho certo, ou se eu tenho que mudar essa estratégia com eles, entendeu?”

8. Você pode me explicar melhor como funciona essa “Pescaria dos nomes”?

“Sim, veja, eu levei uma imagem dos peixinhos coloridos, ampliados, maiorzinhos, e dentro dos peixinhos tinha um espaço em formato de quadradinho, onde a criança ia colocar o seu nome. Como muitos ainda não têm a habilidade para escrever sozinhos,

eu deixei a fichinha com o nome deles ao lado, e eles iam transcrever, principalmente o primeiro e o segundo nome.

Eles fizeram essa transcrição e eu achei bem bonitinho, porque a gente pôde observar vários aspectos. Eles ainda estão escrevendo com letra bastão, e como o nome ficou naquela caixinha, que a gente chama de caixa alta, deu pra perceber quais crianças ultrapassavam a linha, quais faziam a letra grande ou pequena dentro do espaço. Então, com essa brincadeira, eu consegui observar muitos detalhes.

Quando eles terminaram, me entregaram o peixinho. Eu recortei, coloquei uma fitinha e pendurei, deixando os peixinhos em movimento. Eles acharam bem legal, porque, através do colorido do peixinho, havia algo que eles próprios construíram: a escrita do nome. Agora está tudo lá no muralzinho da exposição.”

9. Como você equilibra a liberdade do brincar espontâneo com a intencionalidade pedagógica?

"Eu procuro equilibrar a liberdade do brincar com a intencionalidade pedagógica respeitando a linguagem natural da infância. As crianças trazem uma bagagem de vivências e modos de se expressar, muitas vezes influenciadas pelo meio social em que vivem. Como trabalho com uma comunidade mais carente, percebo que nem sempre elas têm um vocabulário adequado à fase escolar em que estão.

Por meio do brincar, elas exploram, experimentam, imaginam, se expressam e constroem conhecimento de forma ativa e prazerosa. Isso fortalece o vínculo com o professor e com o ambiente escolar, além de permitir que tragam saberes do cotidiano para a sala de aula.

Acredito que o brincar contribui para o estímulo global, porque é nesse espaço que vamos, pouco a pouco, ajudando a criança a desenvolver autonomia, pensamento crítico e consciência do certo e errado. Valorizo muito quando elas podem se expressar do jeitinho delas, sem medo de errar, sem serem repreendidas. Infelizmente, muitas vezes fora da escola elas não têm essa liberdade.

Na minha prática, tento criar esse espaço seguro. Durante as brincadeiras e atividades, elas se sentem à vontade para responder, participar e construir suas ideias. Aproveito esse momento para já começar a trabalhar com elas questões como coesão, coerência e pensamento crítico, sempre respeitando seu tempo e sua forma de ser."

● EIXO 3 - Desafios estruturais

10. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta para promover a ludicidade em sala de aula? (Ex.: falta de recursos, pressão por conteúdos formais, espaço físico, etc.)

“Olha, além da falta de recursos, uma das maiores dificuldades que enfrento é a falta de tempo mesmo. A gente tem tanta coisa pra dar conta (planejamento, rotina, atividades obrigatórias) que o tempo para brincar com as crianças acaba sendo muito curto. Dez, vinte minutos... não dá pra fazer muita coisa com qualidade nesse tempo.

Outra coisa que pesa bastante é o espaço físico. Lá na escola, o espaço para brincar não é seguro. Já aconteceu um acidente sério, e isso deixa a gente apreensiva. Eu mesma fico com medo de que alguma criança se machuque, então muitas vezes acabo limitando a atividade, mesmo sem querer.

A falta de materiais também atrapalha. Às vezes a gente quer propor uma brincadeira diferente, algo simples até, mas não tem os recursos pra isso. E aí, além disso tudo, tem a falta de formação. A gente quer trazer coisas novas, estimular as crianças de outras formas, mas muitas vezes não teve acesso a uma formação que ajude com isso.

E tem também a questão da família, que é bem complicada. Infelizmente, muitos pais simplesmente jogam a responsabilidade toda pra escola. Não tem parceria, não participam de nada, e isso pesa demais. A gente tenta envolver, mandar atividades simples, como ajudar na escrita do nome, mas muitas vezes nem isso volta feito. A criança acaba ficando só com a gente mesmo, pra tudo.

No fim, a gente sabe o quanto o brincar é importante. Só que, na prática, é o momento que mais sofre: falta tempo, espaço, apoio... e sobra cobrança. E aí, no meio disso tudo, a gente tenta fazer o melhor que pode com o que tem, mas sempre fica aquela sensação de que a criança está vivendo menos do que deveria na escola.”

11. Você sente que teve formação suficiente para trabalhar com a ludicidade na sua formação inicial? E na formação continuada? Se sim, como foi esse preparo?

“Não, eu não sinto que tive formação suficiente para trabalhar com a ludicidade na minha formação inicial. A faculdade nos apresenta muita teoria, mas a prática mesmo só acontece quando a gente está inserida no ambiente escolar. A vivência com a ludicidade só começa, de fato, quando estamos no cotidiano da sala de aula, lidando com situações reais.

O que aprendemos na formação inicial são as ideias dos teóricos, que muitas vezes parecem distantes da nossa realidade. Na teoria, tudo parece funcionar perfeitamente, mas quando vamos aplicar na prática, percebemos que muita coisa não se encaixa. A faculdade nos dá uma base, sim, mas baseada em experiências de outras pessoas, em pesquisas. É só quando estamos no chão da escola que começamos a tirar nossas próprias conclusões e a perceber os limites que nos cercam.

Muitas vezes, o que a teoria propõe não condiz com o que conseguimos realizar em sala, por falta de recursos, de espaço, de apoio. Isso acaba desmotivando o professor, que entra na profissão cheio de vontade de fazer diferente, mas esbarra em realidades duras. Além disso, os teóricos são muito valorizados, em concursos, em trabalhos acadêmicos, mas pouca gente considera ouvir o professor da ponta, aquele que está ali todos os dias tentando fazer o melhor com o pouco que tem.

Faltam iniciativas que partam da realidade das escolas, das cidades, dos contextos diversos. Isso ajudaria a criar uma base mais próxima da vivência real dos educadores. Do jeito que é, muitos profissionais não se sentem acolhidos ou apoiados, e isso dificulta ainda mais seu desenvolvimento dentro da própria profissão.”

12. E quanto à formação continuada? Você sente que a formação continuada prepara o suficiente?

“Não, eu não considero que a formação continuada que temos atualmente seja suficiente. Participo de formações duas vezes por mês, por meio de projetos que acompanham nosso trabalho na Educação Infantil. No entanto, são poucas horas para absorver tanta informação, e isso acaba não sendo suficiente para aprofundar os conteúdos que nos são apresentados.

Além disso, as formações costumam ser no contraturno, o que se torna ainda mais cansativo para quem, como eu, trabalha em dois empregos. Me esforço muito para participar, porque reconheço a importância desse momento de troca, de aprendizado, e tento sempre levar algo de positivo para aplicar com meus alunos. Mas é um grande desafio conciliar tudo isso com a rotina pesada de trabalho.

Acredito que, se houvesse melhores condições para que os professores participassem dessas formações, com mais tempo, apoio e planejamento, a experiência seria muito mais proveitosa. Do jeito que está, apesar da boa intenção, a formação continuada acaba sendo mais uma sobrecarga do que um real apoio ao nosso desenvolvimento profissional.”

13. Como a escola onde você trabalha apoia (ou não) a implementação de práticas lúdicas?

“A escola apoia, sim, principalmente no sentido das ideias. Sempre que levo alguma proposta, tanto a coordenação quanto a direção demonstram abertura e me apoiam no que está ao meu alcance fazer em sala. Mas esse apoio não se estende à questão dos materiais. Quando preciso de recursos para desenvolver atividades diferentes, tenho que custear do meu próprio bolso.

Por exemplo, se quero fazer uma aula com dobraduras usando cartolina colorida, preciso comprar. A escola até tem um retroprojetor, mas muitas vezes falta o básico. Já aconteceu de eu pedir papéis específicos e não ter como conseguir na escola. Então, mesmo tendo vontade de fazer algo diferente, a estrutura não acompanha.

Um exemplo foi quando trabalhei a música “Sapo Cururu”, na letra S. Levei contação de história e preparei uma atividade com brinquedos recicláveis. Para que desse certo, pedi ajuda às famílias para reunir os materiais, como tampinhas, papel, cartolina, canetinhas. Os alunos adoraram e saíram muito contentes, mas tudo isso só foi possível porque houve um esforço extra meu e das famílias.

Ou seja, a escola apoia a intenção, mas não garante os meios materiais para realizar as propostas. E essa, infelizmente, é uma realidade que acredito ser comum a muitos professores: temos as ideias, temos o desejo de inovar, mas nos falta suporte para colocá-las em prática.”

14. Que estratégias você encontra no seu cotidiano para promover uma prática mais lúdica, mesmo diante das dificuldades?

“Além das dificuldades que já comentei, o que costumo fazer é buscar apoio com os pais dos alunos. Sempre que possível, peço que eles mandem materiais recicláveis, como rolinhos de papel higiênico, tampinhas de garrafa, potes ou caixas. Esses itens são usados em atividades como a confecção de brinquedos, jogos ou dinâmicas sensoriais. Quando não consigo esses materiais com as famílias, acabo tirando do meu próprio bolso mesmo.

A gente sabe que a BNCC fala sobre o direito da criança ao brincar, ao acesso a experiências lúdicas e significativas. Mas, na prática, esse direito só se concretiza quando há recursos, e muitas vezes eles não existem. Coisas simples como papel, tinta ou cola já fazem falta. Só pra você ter ideia, a escola me repassou uma única resma de

papel em fevereiro, e estamos praticamente sem material desde então. Isso limita demais o nosso trabalho.

E mesmo com essa escassez, a cobrança por atividades registradas, planejamentos e tarefas diárias continua a mesma. Esperam que façamos tudo “bonito”, com registro no caderno e devolutiva para os pais, mas não temos os meios básicos para isso. A verdade é que, muitas vezes, o material sai diretamente do bolso do professor.”

15. O que você considera essencial para que a ludicidade seja, de fato, valorizada e vivenciada como parte do processo educativo na Educação Infantil?

“Pra mim, o brincar é essencial na Educação Infantil. É o jeito mais natural da criança se expressar, aprender e se desenvolver. Brincar é direito dela, é a forma como ela entende o mundo. Mas, mesmo sendo tão importante, nem sempre conseguimos valorizar isso como deveríamos dentro da escola.

A gente enfrenta muita coisa: falta material, falta planejamento voltado pra isso, e o espaço físico, muitas vezes, não ajuda em nada. Por exemplo, não temos brinquedoteca, nem lugar adequado para contar histórias, e os poucos jogos que temos não são suficientes para atender uma turma toda, que, no meu caso, são 22 crianças.

O tempo também é curto. E o lugar pra brincar nem sempre é seguro. Quando eles estão correndo ou pulando, eu fico super apreensiva, com medo de alguém se machucar, porque sei que se acontecer algo, a culpa pode cair em cima de mim. E aí, como é que a gente garante esse direito ao brincar se nem o espaço ajuda?

A escola até tenta apoiar, mas a estrutura não acompanha. E aí, o que a gente sonha, aquele ambiente acolhedor, com materiais, tempo, segurança, acaba ficando só no papel. A BNCC fala tão bonito sobre a importância do brincar, mas na prática a realidade é outra.

Mesmo assim, a gente tenta fazer o melhor. Com o pouco que tem, a gente cria, inventa, transforma. Porque eu vejo o quanto as crianças esperam por esse momento. Tem criança que chega na escola só esperando duas coisas: a comida e a hora de brincar. E é nesses momentos que elas mostram aquela alegria verdadeira, aquele brilho no olho.

Como professora de Pré-II, também tenho a responsabilidade de alfabetizar. Sei que eles precisam sair prontos pro 1º ano. E eu percebo que é através das atividades lúdicas que consigo ensinar sem deixar a aula pesada e cansativa para eles. A

ludicidade me ajuda a cumprir meu papel com mais leveza — e faz toda diferença pra eles.”

APÊNDICE C - ENTREVISTA INDIVIDUAL SEMI-ESTRUTURADA PROFª ANA

● EIXO 1 - Concepções de Ludicidade

1. Como você entende o conceito de ludicidade?

“Na verdade, é um conceito que se refere à capacidade do brincar, de se divertir, a capacidade de formação que vem de forma prazerosa entre as junções de atividade e do lúdico. Onde a criança também pode se divertir e aprender ao mesmo tempo.”

2. Na sua opinião, qual a importância do brincar no processo de aprendizagem das crianças pequenas?

“Na minha opinião, é muito importante, porque é onde a criança desenvolve o cognitivo, a redução do estresse e a melhoria na sua criatividade.”

3. Você acredita que a ludicidade é um elemento central no planejamento pedagógico? Por quê?

“Sim, Eduarda, eu acredito que a ludicidade é, sim, um elemento central no planejamento pedagógico. Ela está presente tanto no planejamento quanto na rotina diária das crianças, porque é através do brincar que conseguimos promover motivação, aprendizagem eficaz, desenvolvimento de habilidades e da coordenação motora, além de contribuir para a redução do estresse, o que é algo muito importante, especialmente nos dias de hoje.

Hoje, lidamos com salas superlotadas e com muitas crianças atípicas, e a ludicidade ajuda a dar um norte pra tudo isso. Ela torna o ambiente mais leve, mais acessível, e promove o desenvolvimento integral das crianças. Por isso, vejo o brincar como essencial dentro da Educação Infantil.”

EIXO 2- Práticas Pedagógicas Lúdicas

4. Quais tipos de atividades lúdicas você costuma incluir em sua rotina com as crianças? (Ex.: jogos, brincadeiras livres, cantinhos temáticos, etc.)

“Eduarda, os jogos educativos que considero mais relevantes dentro do conteúdo que ensino são aqueles que realmente contribuem para o desenvolvimento das crianças de forma leve e prazerosa. Costumo trabalhar muito com contação de histórias, tanto usando livros quanto luvas de história, que eles adoram. Também utilizo com frequência o desenho livre, a musicalidade, modelagem com massinha e a leitura de imagens, que, pra mim, é de suma importância, porque estimula a imaginação, a oralidade e a interpretação desde cedo.”

5. Como você planeja essas atividades? Elas são sempre vinculadas a objetivos de aprendizagem específicos?

“Utilizo bastante o brincar livre, sim. Na nossa rotina, temos pelo menos dois dias reservados só para isso. Levamos as crianças para o recreio ou o pátio, e lá elas têm a oportunidade de brincar com espontaneidade, do jeitinho delas.

Durante esse tempo, a gente observa, orienta quando necessário, mas deixamos que elas se descubram sozinhas, que explorem o espaço e as interações de forma natural. O brincar livre é essencial, e acredito que não podemos tirar isso das crianças. É nesse momento que elas mostram muito de quem são, do que gostam e de como aprendem.”

6. Como você planeja as atividades que leva para o dia a dia (como jogos, pedagógicos, etc)? Essas brincadeiras estão sempre vinculadas a objetivos específicos de aprendizagem, ou às vezes você às leva apenas para divertir?

“Não, eu não costumo trazer atividades só por diversão. Acredito que tudo que a gente trabalha precisa ser planejado, especialmente quando se constrói uma rotina com as crianças, como é o nosso caso. Se deixamos lacunas no planejamento, acabamos nos perdendo no dia a dia.

Quando planejo minhas atividades, até mesmo as mais espontâneas, elas sempre estão ligadas a algum objetivo de aprendizagem, seja ele cognitivo, motor, social ou emocional. Para mim, isso é fundamental. A ludicidade pode ser leve, divertida, mas precisa estar conectada ao desenvolvimento da criança. Por isso, não abro mão de planejar com intenção pedagógica clara.”

7. Como você tem o costume de planejá-las?

“Eu costumo planejar minhas atividades com base no que é proposto pelo programa Criança Alfabetizada e pelo IQE, que é o Instituto Qualidade no Ensino. Esses programas nos dão um norte, então não dá pra fugir muito da realidade que eles trazem. Mesmo assim, dentro dessa estrutura, organizo meu planejamento de segunda a sexta de forma que sempre inclua o brincar. Tento montar atividades que me ajudem a conhecer melhor cada criança, porque, como você viu, minha sala é pequena e tenho cinco crianças atípicas. Então, preciso selecionar bem o que vou fazer.

Todas as minhas aulas precisam considerar as habilidades previstas, mas sempre trago a ludicidade como parte central. Todos os dias tem alguma atividade lúdica, mesmo quando estou trabalhando os conteúdos obrigatórios. O meu objetivo é engajar as crianças, inclusive aquelas com mais dificuldades ou limitações, sem deixar de lado os objetivos pedagógicos.”

8. Você utiliza jogos, brinquedos ou materiais alternativos? Como você seleciona esses recursos?

“Sim, jogos, brinquedos. Geralmente, a gente costuma confeccionar. Não que eu não leve um jogo pronto, um quebra-cabeça, um jogo de montar, um “Lego”. Mas a gente tem o objetivo de estar construindo os nossos brinquedos, com material reciclável.

Então, a gente está sempre norteando os dois lados: o construído e o pronto.”

9. Você considera que as crianças aprendem melhor quando estão envolvidas em brincadeiras? Pode dar um exemplo de uma experiência vivida?

“Sim. Eu acredito que as crianças aprendem muito melhor quando estão envolvidas em brincadeiras. Olha, veja bem... quando você traz o diferente pra sala de aula, você está estimulando a curiosidade da criança. E é isso que eu sempre tento fazer: trazer para a realidade delas. Mostrar através dos recursos algo que tenha sentido pra vida que elas vivem.

Nem toda criança tem acesso aos melhores brinquedos, então a gente precisa se adaptar ao contexto social delas. Tento sempre pensar em algo que seja coerente com o que elas conhecem, e, às vezes, até apresentar realidades novas, mas de forma acessível. Porque você sabe como é... no nosso município, a falta de recurso é uma realidade. Uma escola como a nossa é muito diferente de uma creche mais equipada,

como a Jardim Encantado (nome fictício), por exemplo. São mundos completamente diferentes. Então, o professor precisa se moldar, se mobilizar com o que tem.

Vamos dar um exemplo mais recente, que estimulou bastante a atenção deles: o jogo da argola e a pescaria, que fizemos agora nas atividades sobre as Festas Juninas. Essas brincadeiras envolveram toda a turma e funcionaram super bem. Eles ficaram animados, participativos. Também gosto muito de trabalhar a amarelinha, que é uma atividade simples, mas muito rica. Com ela, consigo envolver números e letras de forma divertida, e tudo feito com materiais recicláveis.

Essas atividades despertam muito o interesse. Quando a gente trabalha com o alfabeto de forma lúdica assim, eles conseguem fixar melhor as letras.”

10. Como você equilibra a liberdade do brincar espontâneo com a intencionalidade pedagógica?

“Olha, Eduarda, equilibrar a liberdade do brincar espontâneo com a intencionalidade pedagógica é um desafio, viu? Isso é algo que nós, educadores, enfrentamos todos os dias. Tem que ter estratégia, como eu venho dizendo. É preciso encontrar esse equilíbrio com muito cuidado.

A gente precisa respeitar o tempo da criança, o humor da criança. Nem sempre o brincar livre é bem aceito por todas, porque, assim como nós adultos, as crianças também têm comportamentos espontâneos, reações diferentes de um dia para o outro. Às vezes, você propõe uma brincadeira livre e ela não é bem recebida. E tudo bem. Por isso, eu gosto de trabalhar com essa ideia de respeito e escuta. Se a criança quer participar, ótimo. Se não quer naquele momento, eu respeito o tempo dela. E, nesse processo, vou ajustando minha intencionalidade sem forçar. O equilíbrio vem justamente daí: da escuta e da adaptação.”

● EIXO 3 - Desafios estruturais

11. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta para promover a ludicidade em sala de aula? (Ex.: falta de recursos, pressão por conteúdos formais, espaço físico, etc.)

“Olha, essa falta de recurso é gritante. É uma das maiores dificuldades, porque nem sempre temos o apoio necessário. Vou te dar um exemplo: hoje eu queria fazer uns jogos pra trabalhar as cores com as crianças. Mas aí vem aquela resposta de sempre: “Não tem”, “Não dá pra ser hoje”. E assim a gente vai se virando.

Além disso, tem também o tempo limitado, e as dificuldades para engajar os alunos atípicos. Tudo isso influencia. A gente precisa ser muito flexível, porque, se o planejamento não for adaptável, não funciona. Como dizem por aí, nós temos que ter sempre uma carta na manga, porque na prática, nem sempre as coisas saem como está no papel.

Então, os principais desafios que enfrento são a falta de recurso e a limitação de tempo. Esses dois, pra mim, são os que mais pesam no dia a dia.”

12. Você sente que teve formação suficiente para trabalhar com a ludicidade na sua formação inicial? E na formação continuada? Se sim, como foi esse preparo?

“Sim, sim, Eduarda. Sabe por quê? Porque o curso de Pedagogia nos apresenta disciplinas que abordam a ludicidade. Inclusive, eu até fiz uma ressalva aqui porque esse foi um dos meus melhores tempos, o tempo da graduação. O curso nos oferece base, sim. Tem disciplinas específicas que nos dão um norte sobre como trabalhar o lúdico, então, no meu início, eu me apeguei muito àquilo que aprendi na faculdade. Foi um ponto de partida importante pra mim. E, graças a Deus, hoje a gente também tem esse norte na formação continuada. Ela prepara sim, porque todo mês temos formações específicas que trazem materiais de apoio concreto e lúdico, justamente para aplicar dentro de sala de aula. Como eu te falei antes, o IQE traz muito material, porque, como você sabe, a criança da educação infantil não tem livro, então a gente trabalha com papel, folha, caderno... E essas formações ajudam muito com isso. Principalmente com o Criança Alfabetizada, que oferece um caderno com orientações claras para aplicar as propostas em sala. Eu acho muito bom, me ajuda bastante.”

13. Como a escola onde você trabalha apoia (ou não) a implementação de práticas lúdicas?

“Sim, de certa forma, a escola apoia, sim. A gente está sempre ali, recebendo algum tipo de suporte. Eles estão sempre acompanhando, e quando têm recurso, ele chega até a gente. Temos os coordenadores, a gestão, a coordenação pedagógica.

O bom é que eles nos deixam trabalhar com liberdade. E por que essa liberdade? Porque sabem que tudo que fazemos é planejado. A gente segue um currículo, então não há cobrança excessiva sobre como aplicamos nossas práticas, desde que estejam alinhadas ao que é proposto.

Agora, a exigência mesmo vem nas formações continuadas. Por exemplo, amanhã mesmo eu tenho uma formação. E se eu não participar, posso receber uma advertência. É obrigatório. Funciona assim: eu trabalho no turno da manhã, então tenho que ir à formação à tarde. Se eu trabalhasse à tarde, teria que ir de manhã. Não pode faltar, porque é tudo sequenciado.

Essas formações são mensais, e nelas, os coordenadores participam junto com a gente. A cada encontro, eles nos passam o plano de ação. Tipo assim: “Ana, você vai trabalhar os quatro tipos de vogais agora.” Na próxima, eles já trazem outro conteúdo, como: “Agora você vai trabalhar as funções.” Então, se eu perco uma formação, fico com uma lacuna, porque tudo está conectado, é um processo contínuo, de aprimoramento do currículo.”

14. Mas especificamente em questão da ludicidade, a gestão apoia? Quando você precisa de algum material para trabalhar com a ludicidade, eles oferecem?

“Sim, a gestão apoia, sim, especificamente na questão da ludicidade. Quando a gente precisa de algum material, eles costumam nos fornecer. Só se realmente a escola não tiver no momento, mas isso é muito raro. Porque, no geral, eles têm os recursos e oferecem. Agora, você pode perguntar: “Quais são esses recursos, professora Ana?” Eu te digo: folhas, materiais de arte... Mas agora as coisas mudaram um pouco, porque cada criança recebe um kit individual, não sei se você já sabe disso.

Esses kits vêm direto para as escolas e ficam sob responsabilidade do professor. Vêm com tinta, avental, pincel, material para pintura com os dedos, lápis de pintar... Então, hoje em dia, a gente quase não precisa mais solicitar tantas coisas à escola. E quando precisa, a gente vai lá, fala, e eles nos dão o suporte. Só se não tiver mesmo, mas, olha... Eu gosto muito da escola que trabalho. Sou até suspeita pra falar, porque já tenho nove anos por lá. E posso te dizer: nunca me faltou, não.”

15. Que estratégias você encontra no seu cotidiano para promover uma prática mais lúdica, mesmo diante das dificuldades?

“Olha, eu tenho um espaço... um espaço pedagógico muito rico em ludicidade, graças a Deus. Tenho muitos jogos e materiais lúdicos, então não sinto tanta dificuldade nesse sentido. Uso bastante os recursos que eu mesma tenho, e ainda empresto para colegas professores mais próximos. Estou sempre levando coisas novas, sempre inovando minhas aulas. Compro apostilas, busco novidades, faço cursos, invisto no que posso. Quando vejo algum material interessante, compro junto com as colegas, e a gente monta nossos próprios brinquedos.

Não sei se, quando você foi na minha sala, reparou na quantidade de caixas que tenho em cima do armário. As pessoas até acham engraçado, mas a gente brinca dizendo que somos professoras do lixo, viu? Porque a gente transforma tudo em recurso.

Então, essa é a minha principal estratégia: reaproveitar, criar, inovar com o que tenho e buscar sempre me atualizar com o que vejo de novo por aí.”

16. O que você considera essencial para que a ludicidade seja, de fato, valorizada e vivenciada como parte do processo educativo na Educação Infantil?

“Olha, na minha visão, o que não pode faltar na Educação Infantil é o material de apoio e uma boa rotina. Se o professor não tem uma rotina bem construída, ele perde a essência dentro da sala de aula. Precisa haver organização, equilíbrio e, principalmente, conexão com o grupo com o qual ele trabalha. Por exemplo, amanhã mesmo eu vou faltar, mas eu tenho duas auxiliares: uma ADI e uma professora de apoio. E a gente está sempre alinhada, sempre conectada. Porque se não tiver essa conexão entre quem está com as crianças, nada se concretiza na prática.

Então, como eu disse: é preciso ter essência, conexão, material de apoio e rotina. Sem isso, principalmente na educação infantil, a ludicidade não consegue ser bem implementada. E mais: sem planejamento e rotina, não há resultado positivo.”